

Pesquisas visam produtor rural

Depois de conhecer os técnicos do Centro de Pesquisas Agropecuárias do Cerrado, nenhum produtor poderá se queixar de uma produção que não deu certo. A menos que algum detalhe passe despercebido, porque em Agricultura qualquer pormenor tem importância na produção final. Seja no laboratório ou na própria terra, esse solo que fica no cerrado é a especialidade dos pesquisadores do CPAC.

Eduardo Assad, agroclimatologista do laboratório de biofísica ambiental, explica como tudo é feito para que a produção agrícola seja dominada pelo produtor. Duas são as linhas de trabalho do laboratório: agroclimatologia e sensoreamento remoto, e sistema agropecuário de informação.

Das imagens que o Landsat traz a cada 16 dias, os pesquisadores passaram a desenvolver um projeto de avaliação e aproveitamento do solo do cerrado de for-

ma minuciosa. Primeiro, foi a vez de estudar a fazenda do CPAC que deu a dimensão de como o agricultor do DF poderia direcionar seu trabalho. Se mecaniza sua produção, ou irriga, e de que forma.

O campo experimental foi dividido em parcelas, onde ficou determinado o tipo de solo e vegetação. Através de mapas da Codeplan, os técnicos puderam saber da declividade do solo e sua geomorfologia. E a imagem do Handsat traduziu o que eram recursos florestais e biológicos. O próximo passo foi agrupar essas informações numa base de dados para tornar a teoria prática.

Silvânia — A 200 quilômetros de Brasília esses estudos chegaram ao produtor. Depois de expandir a pesquisa para microbacias, e a primeira foi a bacia do Taquara, perto de Formosa, a tecnologia chegou ao município de Silvânia. A partir de estudos

parecidos com o que fizeram no campo experimental, os pesquisadores puderam dizer aos efacareiros qual é o potencial da região.

Numa área de quatro mil hectares que compreende 70 chácaras, foi feito um estudo de expansão do projeto agrícola. A base de dados de Silvânia que o CPAC reuniu contém a retrospectiva da realidade agrícola da região desde 1978 até os dias de hoje e inclui a taxa de ocupação. Agora, esses pequenos produtores contam com uma safra abundante e Silvânia deixou de ser mais um pedaço do cerrado abatido pelo não controle dos períodos de chuva e estiagem.

Agora, o trabalho do laboratório de bio-física ambiental foi mais adiante e já lida com o aproveitamento do solo em nível de estado. As avaliações de Tocantins e Goiás estão prontas e "falta muita coisa ainda, porque o nosso objetivo é ter o estudo de todo cerrado", diz Eduardo Assad.